

Primeiro Centenario da Guerra Peninsular: *Exposição historica commemorativa: Catalogo*, Lisboa 1910.

*

As festas da commemoração da Guerra Peninsular foram antecedidas da publicação de um *Programma e Relatorio elaborados pela Commissão nomeada por Portaria de 2 de Maio de 1908*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1908.

J. L. DE V.

Nota a «O Archeologo», XIV, 50

A palavra = teudo = no sentido de «obrigado»

Com a expressão *a que é tudo (teudo)* «a quem é obrigado» compare-se a seguinte, que se lê num documento gallego do sec. XIV, publicado por Vaamonde Lores, *Ferrol y Puente deume*, Coruña 1909, p. 85: «diga ou faça dizer . . . una missa de cada dia para senpre por la anima del Rey don Enrique e minna e de aqueles *a que eu soon tyudo*».

J. L. DE V.

Dr. Antonio dos Santos Rocha

Da minguada fileira de cavadores, que andam rompendo este campo da investigação antiga do homem, lá tombou mais um, e não era de certo dos que menos tressuavam no seu labor. A figura do Dr. Santos Rocha assomava bem estremadamente no meio d'esses poucos que sustentam nas mãos a ferramenta, com que se desenterra o nosso passado de sob as mantas de detritos das várias gerações. Era um vulto solido e ardoroso, que sabia acrescentar-se a si proprio pelo esforço com que trabalhava, pela constancia com que se mantinha no seu posto.

Seria injustiça para os vivos não reconhecer que outros ha tambem naquella linha de sinceros voluntarios, que de longe se enxergam pela sua avantajada estatura. Mas não é do preito aos vivos que venho agora desempenhar-me; é da homenagem a um morto, e um morto a cuja sombra devemos ir levar a consolação de que a sua empresa scientifica não esmorecerá, nem definhará.

E um pensamento, que os escritos do Dr. Santos Rocha consignavam com alguma frequencia, era o de que a sua actividade e dedica-

ção tivessem seguimento depois da sua morte. Era a consciencia de que a sua missão scientifica era mais larga que a vida de um homem; era o reconhecimento de que só o trabalho concatenado de séries de pertinazes investigadores poderá reconstituir sem lacunas a evolução do português nas epochas anteriores á historia escrita. É por isso que a instituição scientifica que o Dr. Rocha criou, assumiu depois da morte do seu fundador e patrono uma responsabilidade, em que todos temos os olhos postos.

Santos Rocha foi uma figura culminante das sciencias archeologicas em Portugal, e sê-lo-hia em qualquer país. Tinha qualidades e meritos reaes para isso. Não o apreciarão assim talvez os que olham para este distrito de investigações do passado como para um hospicio de maniacos, absortos umas vezes na contemplação esteril de um caco, ou preocupados outras com a significação esoterica de dois traços e meio, que o acaso gravasse na superficie de uma pedra. Mas o Dr. Santos Rocha grandemente valorizava a sciencia archeologica nacional, pelo fervor, pela aptidão, e pelo desinteresse com que a cultivava. Aos problemas do passado da sua e nossa patria elle dava alem da sua intelligencia, a sua viva actividade, a sua saude e a sua bolsa.

Uma das circumstancias, que mais realçavam nos seus estudos e relatorios, era a sua perfeita orientação scientifica, de modo que nunca apprehendia ao acaso uma exploração ou uma pesquisa; o seu trabalho obedecia sempre a um plano e proseguia um determinado fim. Ou se tratasse concretamente de uma lacuna nos môstradores do seu museu, ou archeologicamente de um hiato na evolução industrial do homem antigo, Santos Rocha ia a direito para o seu intuito e regressava quasi sempre satisfeito. Dizem-no os proficientissimos relatorios da gerencia da Sociedade Archeologica do seu onomastico.

Mas o trabalho culminante do mallogrado archeologo é Santa Olaia. As *Antiguidades prehistoricas da Figueira* foram uma especie de tirocinio scientifico de Santos Rocha. Desde 1885 a 1900, periodo de 15 annos em que publicou os 4 volumes d'aquella obra, formou elle, na pesquisa sagaz dos jazigos e na consulta subsequente dos tratadistas, o seu espirito aliás já dotado de notaveis qualidades de intuição archeologica. É curioso observar que foi depois de findo este curso esgotante da paleoethnologia d'aquella região, que Rocha se voltou para Santa Olaia. Formara se na melhor escola o auto-didatico que tanto levantou a sciencia portuguesa.

Todas as qualidades porém que os seus escritos nos revelam, adquirem, na monographia em que se occupa d'aquella estação, do Castro de Tavarede e de outras secundarias, a mais completa realização. A ella

prendeu Santos Rocha o seu maior esforço físico e intellectual. Em certa altura das suas lócuções e observações confessa-se extenuado. Era após o exame minudencioso e beneditino de milhões de cacos exhumados e catalogados segundo a ordem da estratificação nas ruínas. Compenetrado de que tinha ali um problema ethnologico e industrial para resolver, empreendeu viagens de estudo, particularmente á Hespanha, aos Alcores. O uso simultaneo da louça primitiva e da importada, cada qual obtida por processos inteiramente diferentes, foi uma das conclusões a que chegou, depois de tamisar, pelos seus dedos de paciente e sagaz archeologo, montanhas de destroços ceramicos. A trituração dos cereaes ou de outros productos da terra tambem lhe apresentava naquellas ruínas os graus evolutivos dos seus processos. Elle conhecia desde 1897 Santa Olaia, mas ainda então sinceramente escrevia que se lhe afigurava romana a ceramica. Em 1901, anno em que se foi de alvião em punho para a exploração d'aquella mina archeologica, suspeito da sua riqueza e avido dos resultados, já considerava de procedencia punica a olaria com faixas pintadas. E comtudo só em 1906 tinha no prelo o seu grande trabalho. Grande foi tambem para a archeologia portuguesa este serviço.

Os seus artigos archeologicos eram modelos de methodo e disciplina intellectual. Depois da descrição analitica e completa da materia seguia-se invariavelmente a apreciação scientifica, baseada em confrontações e paralelos de casos analogos ou da archeologia nacional ou da estrangeira. Não divagava em considerações estereis, nem buscava as fantasias da linguagem. Conciso, mas completo, e quasi arido, era o que lhe deslisava da penna.

Tendo querido sistematizar alguns dos seus artigos, fez em 1897 a edição das *Memorias sobre a antiguidade*, onde reuniu estudos que publicara na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes* e n-*O Archeologo Português* e outros ineditos mais, deixando porém de fóra tres com os seguintes titulos: *Explorações Archeologicas*; *A profanação das Antas na epoca romana*; e *Notas archeologicas* (vols. II, III e IV da cit. Revista).

N-*O Archeologo Português*, ainda no fasciculo 12 do vol. XIII, saía d'elle importantissimo estudo, que ficou póstumo.

O Museu Municipal da Figueira foi a grande herança material d'este investigador, como o *Boletim* uma valiosissima herança intellectual. Antes d'este, publicava na *Portugalia* os seus relatorios de cunho tão scientifico. Entre o Museu, que elle desde a fundação recheou, e os seus escritos ha uma correlação tão estreita como entre um corpo e o seu esqueleto. Não se podem separar; ficariam anodinos.

Muito tínhamos ainda que esperar da grande operosidade e competencia d'este illustre Archeologo. O seu espirito começava a recolher-se em locubrações sintecticas, não feitas á chamma vacillante da imaginação, mas á luz segura e certa da sua intelligencia castigada em aturado exercicio de observação e de pesquisa.

O seu nome perdura na Sociedade Archeologica que fundou em 1898. Não é já a figura tangivel e material do Dr. Santos Rocha que existe, mas a incarnação da sua intelligencia e do seu prestigio scientifico em um grupo de homens, que elle congregou com a sugestão da sua autoridade.

Deduzam elles d'este considerando a responsabilidade que onera a sua missão difficil. Continuem a rasgar a senda que lhes foi traçada pelo mestre, tão denodada e brilhantemente como elle! Todos temos os olhos postos nesses continuadores sonhados pelo Dr. Santos Rocha em mais do que em uma pagina dos seus escritos.

Março de 1911.

F. ALVES PEREIRAR.

Subsidios para a historia da numismatica portuguesa

(Continuação. Vid. *O Arch. Port.*, xv, 97)

§ V

Cobre

Synopse da legislação

Em 9 de Dezembro de 1642, D. João attendendo a que era grande a falta que se padecia com a escassez da moeda de cobre, encarregou ao desembargo do Paço que visse e consultasse, com brevidade, como se poderia fazer em beneficio de sua Fazenda e de seus vassallos.

Por decreto de 1 de Janeiro de 1643, encarregou ao senado de Lisboa, de consultar sobre o meio que se lhe offerecesse mais pronto, para se acudir e remediar, com brevidade, a falta que no reino se padecia por não haver moeda de cobre¹.

¹ Este decreto está publicado a pag. 494 do tomo iv dos *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa*, pelo Sr. Eduardo Freire de Oliveira, archvista da Camara Municipal da mesma cidade.

«Decreto de 1 de Janeiro de 1643.—Por ser grande a falta que se padece nestes reinos de moeda de cobre tão necessaria para o uso ordinario e compra de todas as cousas, e que eu desejo se remedeie por todos os meios possíveis, encommendo muito e encarrego ao conde, presidente e vereadores da Camara